

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
CURSO LICENCIATURA EM LETRAS

DENILTON ALMEIDA SANTARÉM

QUEM SÃO ESSES TRABALHADORES INVISÍVEIS? NARRATIVAS ORAIS DOS GARIS
EM PARINTINS-AM

PARINTINS-AM

2024

DENILTON ALMEIDA SANTARÉM

QUEM SÃO ESSES TRABALHADORES INVISÍVEIS? NARRATIVAS ORAIS DOS GARIS
EM PARINTINS-AM

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras do Centro de
Estudos Superiores de Parintins, como pré requisito
da disciplina de TCC III.

Orientadora: Dilce Pio Nascimento

BANCA EXAMINADORA

DILCE PIO NASCIMENTO

Orientador

Me. LUIS ALBERTO MENDES DE CARVALHO

Membro Interno

Me. ELISEU DA SILVA SOUZA

Membro Externo

PARINTINS-AM

2024

DEDICATÓRIA

Dedico essa conquista primeiramente a Deus, a minha família que é meu alicerce, a minha orientadora e a todos que contribuíram com essa pesquisa, Gratidão!

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus nosso ser supremo que me transmite sempre saúde, força e sabedoria para continuar a jornada que é árdua e cansativa mais com a força dele se torna mais fácil.

Sou grato aos meus pais pelo apoio e incentivo de me ajudar à entrar na faculdade, sem o apoio deles seria impossível, por isso sou muito grato pela vida dos meus pais Ademilton Moura e Delci Almeida. E também agradeço a minha família pelo apoio e por acreditarem no meu potencial. Em especial agradeço a minha namorada e eterna mulher Suely Gomes que me ajudou em momentos difíceis e de dificuldades que sem ajuda dela e de Deus seria impossível terminar a faculdade.

Agradeço aos meus colegas de profissão garis que são pessoas especiais e fundamentais para manter a nossa cidade limpa, eu tenho orgulho de fazer parte dessa classe de trabalhadores que são honestos e gratos pela profissão que tem, só tenho a parabenizar e agradecer que sem eles jamais teríamos uma cidade limpa, organizada e agradável para atender a nossa comunidade e receber bem os nossos turistas, vocês estão de parabéns meus colegas.

Sou grata a minha orientadora Dilce Pio Nascimento, por me ajudar a concluir essa pesquisa e agradeço também ao professor Elizeu que foi uma peça importante que me ajudou a desenvolver esse trabalho.

Sou grato a todos que me ajudaram de forma direta e indiretamente.

QUEM SÃO ESSES TRABALHADORES INVISÍVEIS? NARRATIVAS ORAIS DOS GARIS EM PARINTINS-AM

RESUMO

Este estudo objetivou compreender os desafios e dificuldades em decorrência da invisibilidade e desvalorização recebidos pela sociedade e pelo poder público. Refletindo através do olhar do próprio gari como ele se vê diante da sociedade em relação ao trabalho que desempenha, retratando suas vivências, invisibilidade, indiferença e preconceitos sofridos. Assim, o presente estudo busca ampliar o debate em torno da realidade social enfrentado pelo gari. Além de contribuir para a valorização dos trabalhadores invisíveis da sociedade mais que desempenham um papel de grande importância para a nossa cidade, enfrentando chuva e sol para o bem estar e saúde da população. Para tanto, utilizou-se como método de pesquisa uma abordagem qualitativa e participante por meio dos procedimentos da História Oral, e como metodologia foi coletado narrativas de três garis da cidade de Parintins-AM. Com base nos dados apresentados podemos perceber que os trabalhadores invisíveis passam por situações difíceis e constrangedoras no seu cotidiano. É necessário que esse trabalhador exerça apoio do poder público, fornecendo os equipamentos necessários para que o trabalhador público exerça seu trabalho com dignidade e tenha o reconhecimento e valorização da população. Os principais teóricos que embasam este trabalho são ARENDT (1999), Fernando Braga Costa (2004), Liana França Dourado (2012). Maria Fernanda Diogo (2007), Sawaia (2001).

Palavras - chave: Gari. invisibilidade. Poder público. Parintins-am.

ABSTRACT

This study aimed to understand the challenges and difficulties as a result of the invisibility and devaluation received by society and public authorities. Reflecting through the eyes of the street sweeper himself how he sees himself in society in relation to the work he performs, portraying his experiences, invisibility, indifference and prejudices suffered. Thus, the present study seeks to expand the debate surrounding the social reality faced by street sweepers. In addition to contributing to the appreciation of invisible workers in society, they play a role of great importance for our city, facing rain and sun for the well-being and health of the population. To this end, a qualitative and participatory approach was used as a research method through Oral History procedures, and as a methodology narratives were collected from three street cleaners from the city of Parintins-AM. Based on the data presented, we can see that invisible workers go through difficult and embarrassing situations in their daily lives. It is necessary for this worker to provide support from public authorities, providing the necessary equipment so that public workers can carry out their work with dignity and receive recognition and appreciation from the population. The main theorists who support this work are ARENDT (1999), Fernando Braga Costa (2004), Liana França Dourado (2012). Maria Fernanda Diogo (2007), Sawaia (2001).

Key words: gari. Invisible worker. Public power. Valuation. Parintins-am.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade nos ensina que todo trabalho dignifica o homem, embora muitas pessoas não consigam trabalhar e ser remunerados de forma digna. Existem vários trabalhos na sociedade moderna, alguns passam despercebidos, como é o caso dos garis que limpam a cidade, sejam elas grandes ou pequenas todas necessitam de uma boa limpeza pública, assim como uma casa precisa ser limpada todos os dias senão se torna um caos chamando a presença de bichos como mosca, rato e barata, dessa mesma forma a cidade precisa ser varrida, coletado o lixo e capinado. Até mesmo, para minimizar os problemas de saúde pública. Apesar da escola também ensinar que todo trabalho é digno, muitas vezes, parece que há um nível que mede a qualidade ou a importância dos trabalhos e trabalhadores.

Para da início a essa discussão venho aqui contar um pouco sobre a minha história como trabalhador gari da cidade de Parintins.

No início do trabalho sai de casa ansioso e pensativo, não sabia o que e como seria esse novo trabalho, se seria aceito, não imaginava que seria o trabalho de gari “os invisíveis da sociedade”. Então com o decorrer do tempo pude perceber a realidade do trabalho realizado por esses profissionais.

A farda amarela distingue o ser humano de um cidadão tudo como normal tornando o trabalhador da coleta, o gari de farda amarela um invisível para muitas pessoas que passam ao lado, mas não o reconhecem como um trabalhador essencial para o bem-estar e saúde pública de uma cidade. O gari é tão importante para uma cidade quanto um professor, aluno, médico e paciente. Um dia sem coleta de lixo a cidade vira um caos, e certo de que sem coleta do lixo fica impossível viver em uma cidade. Para Costa (2004, p. 22).

Invisibilidade pública é a expressão que resume diversas manifestações de um sofrimento de um político, a Humilhação social, um sofrimento longamente aturado e ruminado por gente das classes pobres. Um sofrimento que, no caso brasileiro e várias gerações atrás, começou por golpes de espoliação e servidão que caíram pesados sobre nativos e Africanos, depois sobre imigrantes baixo-salariados: A violação da terra, a perda de bens, a ofensa contra crenças, ritos e festas, o trabalho forçado, a dominação nos engenhos ou depois nas fazendas e nas fábricas.

As sociedades domésticas e os indivíduos não são senão as partes integrantes da cidade, todas subordinadas ao corpo inteiro, todas distintas por seus poderes e suas funções, e todas inúteis quando desarticuladas, semelhantes às mãos e aos pés que, uma vez separados do corpo, só conservam o nome e a aparência, sem a realidade, como uma mão de pedra. O mesmo ocorre

com os membros da cidade: nenhum pode bastar-se a si mesmo. Aquele que não precisa dos outros homes, ou não pode resolver-se a ficar com eles, ou e um deus, ou um bruto. Assim, a inclinação natural leva os homens a este gênero de sociedade. De acordo com Marx (1983, p. 50).

Numa sociedade cujos produtos assumem genericamente a forma da mercadoria, isto é, uma sociedade de produtores de mercadorias, essa diferença qualitativa dos trabalhadores úteis, executados separadamente uns dos outros como negócios privados de produtos independentes, desenvolve-se como um sistema complexo, uma divisão social do trabalho.

Cada elemento da riqueza material não fornecido pela natureza teve sempre de ser mediada por uma atividade produtiva especial, direcionada a um fim, que adapta matérias naturais específicas a necessidades humanas específicas. Barradas (2012) eu, diz que é como criador de valores de uso, como trabalho útil, o trabalho é, assim, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural de mediação do homem e natureza e, portanto, da vida humana.

A vida do gari vista do ponto de vista de um gari que trabalha e vive o dia a dia de um trabalho surreal, são poucos que conseguiriam dá conta do trabalho por ser um trabalho desgastante e que tem sérios riscos do gari pegar uma contaminação, por se tratar de todo tipo de lixo que se possa imaginar. Para o gari o tempo é o maior obstáculo do dia, porque quanto maior o tempo mais custa para terminar a rota de trabalho.

2 ORIGEM DOS GARIS

Em 1830¹, um decreto imperial estipulava o “desempachamento” das ruas da cidade. Na prática, a lei obrigava a retirada do lixo e determinava que as ruas fossem livradas dos mendigos, loucos, desempregados e até dos animais ferozes. Predominava, à época, a “teoria miasmática”, na qual gases e vapores os miasmas exalados pelo ambiente eram os responsáveis pelo adoecimento das pessoas. Higienizar o terreno era, portanto, uma necessidade de saúde pública.

¹ Essas informações foram extraídas do

<https://antigo.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/05/ondevem-palavra-gari>

Estabelecer locais específicos para a prática de certas atividades, ditas poluentes como a localização de curtumes, matadouros e cemitérios, também. Essas posturas do poder público

eram, basicamente, normativas, apenas definindo proibições e estabelecendo sanções quanto ao despejo de lixo nas vias públicas.

No Segundo Reinado, a prática da limpeza ganhou um caráter sistemático. Uma notinha discreta, no centro da primeira página do periódico Gazeta de Notícias (RJ), de 11 de outubro de 1876, anunciou a contratação dos serviços do francês Aleixo Gary para a limpeza das ruas da capital. Coube à sua empresa o transporte do lixo produzido no Rio de Janeiro para a ilha de Sapucaia, na Baía da Guanabara. Surgiu, então, a primeira empresa de coleta de lixo da cidade. Seu contrato durou até 1891 e no ano seguinte já na República instituiu-se a superintendência de Limpeza Pública e Particular da Cidade.

Na mesma época, em 1884, Eugène Poubelle, então prefeito da cidade de Paris, decretou que os donos de prédios fornecessem latas de lixo aos seus inquilinos. A novidade pegou os parisienses de surpresa, que logo começaram a chamar essas latas de “boîtes Poubelle” (latas Poubelle). Mas não foram só os moradores dessa cidade que aderiram à ideia. Por aqui, Aleixo Gary já havia feito história na limpeza urbana da cidade e seu sobrenome se tornou uma marca registrada e indistinguível para todos os funcionários da coleta de lixo.

A profissão de gari é serviço fundamental para as cidades e para a saúde pública, Campos et al (2015, p. 3) ressalta que eles exercem “um papel relevante na manutenção da limpeza urbana e rural de nossas cidades. Eles são aqueles que fazem o que ninguém quer fazer: coletar o lixo”. E assim contribuem como profissionais da saúde, sendo que, realizam uma atividade visando beneficiar o bem-estar e a salubridade de toda sociedade.

A limpeza eficiente dos logradouros públicos, o controle de pragas, manutenção de rios, canais e praias, bem como das galerias de esgotos, são práticas que ajudam a conter doenças e epidemias. É admirável o trabalho dos garis quase sempre invisíveis, mas que agem como grandes heróis, pois colocam a própria saúde em risco pegando chuva, sol, entrando em contato com bactérias e correndo riscos de acidentes para desempenhar seu papel com dignidade.

Segundo Campos, Rubinho e Pereira (2015,s/p):

Esses profissionais estão expostos a diversos riscos, entre eles os ergonômicos, físicos, de acidentes, biológicos, químicos e psicossociais. Os riscos ergonômicos dizem respeito aos problemas relacionados com os esforços físicos da rotina de trabalho. Já os riscos físicos estão associados ao trabalho realizado ao ar livre, pois eles ficam expostos a radiação solar, chuva, frio e calor. Por sua vez, o risco de acidente refere-se tanto ao perigo de ser atropelado ao realizar atividades no meio do trânsito, como aos incidentes causados por materiais cortantes que se encontram no lixo. O risco biológico pode acontecer pela inalação ou contato da pele com bactérias e fungos encontrados no lixo. Existem também os riscos químicos, representados pelas substâncias encontradas em produtos descartados, como baterias, solventes, e em produtos químicos de limpeza. Por fim, os riscos psicossociais são os que mais atingem esses profissionais, gerados pela imagem negativa que a população tem deles, ocasionando problemas de depressão, alcoolismo e drogas.

Toda vez que esses profissionais se veem na necessidade de fazer uma greve, percebe-se o quanto esse trabalho é essencial quando, após dias sem limpeza, as cidades viram um caos. Nem sempre devidamente valorizados, os garis se queixam com frequência de certa “invisibilidade” diante da população.

Diogo (2007, s/p), verificou que:

As pessoas que trabalham com limpeza são muitas vezes desvalorizadas, humilhadas e tratadas como inferiores pela sociedade, e que um dos poucos momentos de prazer encontrado por elas é quando recebem algum elogio ou reconhecimento. Além disso, constatou-se que o baixo grau de escolaridade e a necessidade de sustento da família foram os determinantes principais para a escolha da profissão. Com relação à expectativa de arrumar outro emprego, alguns afirmaram que gostariam de atuar em uma nova atividade; porém, demonstraram conformismo e despreparo para tal mudança.

Contudo, essa imagem vem mudando gradualmente e os garis têm ganhado mais visibilidade. Muito se deve à sua participação eficaz nos grandes eventos das cidades, como ocorre no réveillon e no carnaval. Foi após um desfile das escolas de samba no Rio que um desses profissionais galgou o estrelato. Com a passagem da tropa de garis ao final do espetáculo, Renato Luiz Feliciano Lourenço liderou seu time de varredores e, com muito carisma e ginga, sambou majestosamente com a vassoura na mão para o deleite da plateia que ainda se encontrava nas arquibancadas. Sempre sorridente – o que lhe rendeu o justo apelido de “Renato Sorriso”, ele conta que, inicialmente, levou uma reprimenda de seu supervisor. Apesar disso, o sucesso foi tanto que, ano após ano, repete a performance. Seu feito não se limitou ao Rio de Janeiro. Renato foi convidado a participar uniformizado, da cerimônia de encerramento das Olimpíadas de Londres em 2012.

3 O TRABALHO NA SOCIEDADE

Dentre os inúmeros sentidos atribuídos ao trabalho de limpeza e conservação pela sociedade, destaca-se o “costume”, visto sempre em diversos comentários preconceituosos

atirado pela população que desqualifica o trabalho realizado pelo gari, dizendo que este é de “fácil realização”, “qualquer um pode fazer”, muito semelhante ao serviço doméstico. Serviço este bem conhecido entre as mulheres através de anos de treinamento informal. As tarefas que compõem este trabalho não trazem perspectiva de aprendizado ou crescimento profissional algum, nem constituem uma variedade tal que permitam desenvolver um amplo leque de habilidades.

O ato de limpar possui um sentido objetivo que não exige muita habilidade. É interessante observar a relação entre a pessoa que limpa e a pessoa que usufrui do espaço no qual o trabalho foi executado, muitos passam por esses ambientes despercebidos e até mesmo pelas pessoas que estão limpando como se não estivesse lá, mas com toda certeza se aquele ambiente não tivesse limpo pelos garis, com lixos acumulando e a presença de bichos personhentos iam reclamar que os funcionários da limpeza não fizeram o seu trabalho.

Sawaia (2001, p.102) descreve que:

Este nos processos de mediação social, pois o indivíduo não é uma mônada responsável por sua situação e capaz de, sozinho, superá-la. Problematizar esta questão é uma forma de superar a concepção de que a única preocupação das pessoas pertencentes às camadas populares é a luta pela sobrevivência.

Arendt (1999), tece uma diferenciação entre trabalho e labor que serve com excelência para finalizar esta exposição. Para a autora, o labor é algo cíclico, repetitivo, servil, consumido em paralelo à sua realização, e é destinado à alimentação do processo da vida humana. Que sofre desde a antiguidade certo desprezo social, pois é resultante da cotidiana luta humana contra a necessidade, não resultando em obras dignas de serem lembradas. Já o trabalho encontra-se num patamar superior: este não prepara a matéria para incorporá-la ao processo da vida humana, mas transforma-a em algo a ser trabalhado, resultando num produto final.

Mas a luta que o corpo humano trava diariamente para manter limpo o mundo e evitarlhe o declínio tem pouca semelhança com feitos heroicos; a persistência que ela requer para que se reparem, dia a dia, os danos de ontem, não é a coragem, e o que torna o esforço tão doloroso não é o perigo, mas a implacável repetição. (Arendt, 1999, p. 112).

A repetição da mesma tarefa todos os dias e apesar de tudo ainda está sujeito a preconceitos e desvalorização de alguns dos cidadãos que não respeitam e nem valorizam.

Diogo reforça também esse processo cíclico que é o cotidiano dos garis.

O serviço de limpeza e conservação assume as características que a autora descreve para o labor. É cíclico e seu produto – a limpeza – é fugaz, pois assim que uma área recém-limpada começa a ser utilizada, inicia-se sua degradação e, conseqüentemente, um novo processo de limpeza e conservação. É repetitivo, dado que as tarefas que compõem este

trabalho não possuem grande variabilidade nem trazem perspectiva de aprendizado. Não resulta em obra digna de ser admirada, já que seu produto é invisível, não comporta sequer materialidade. É servil, sendo frequentemente desvalorizado na sociedade. Na servidão não há equidade, os tratamentos assimétricos por vezes resultam em ações e palavras humilhantes e inferiorizantes. (DIOGO, 2007, s/d.).

O trabalho não se limita à execução de uma atividade técnica: ele se caracteriza no indivíduo que se transforma no ser que domina aquele trabalho. É o compromisso do trabalhador com a sociedade independente de como seja recepcionado pela sociedade, o trabalhador tem compromisso com a sua cidade, ele enfrenta chuva, sol, frio o que for. Mas trabalha com dignidade e amor no que faz.

4 DESMISTIFICANDO A HISTÓRIA DO TRABALHO: QUEM TRABALHA MUITO GANHA MAIS?

Na longa história da atividade humana, em sua incessante luta pela sobrevivência, pela conquista da dignidade, da humanidade e da felicidade social, o mundo do trabalho tem sido vital. Foi por meio do trabalho que os indivíduos, homens e mulheres, distinguiram-se dos animais. É célebre a distinção, feita por Marx, entre o “pior arquiteto e a melhor abelha”: o primeiro concebe previamente o trabalho que vai realizar, enquanto a abelha labora instintivamente. Essa marca tornou a história humana uma realização monumental, rica e cheia de caminhos e descaminhos, de alternativas e desafios, de avanços e recuos. Sem o trabalho, a vida cotidiana não se reproduziria.

Contudo, quando a vida humana se resume exclusivamente ao trabalho, ela se converte num esforço penoso, aprisionando os indivíduos e unilateralizando-os. Se, por um lado, necessitamos do trabalho humano e de seu potencial emancipador, devemos também recusar o trabalho que explora, aliena e infelicita o ser social. Essa dupla dimensão presente no processo de trabalho que cria mas também subordina o emancipa e aliena, humaniza e degrada, libera e escraviza converte o estudo do trabalho humano numa questão crucial de nosso mundo, de nossas vidas. Neste conturbado século 21, cujo desafio maior é dar sentido ao trabalho humano e tornar a nossa vida fora do trabalho também dotada de sentido.

O livro de Geraldo Augusto Pinto¹ vem suprir uma importante lacuna para aqueles que querem ter uma melhor compreensão do que significam os termos fordismo, taylorismo e toyotismo. Escrito de modo bastante didático, mas sem perder a qualidade necessária, o autor

¹ Obra: “A organização do trabalho no século 20: Taylorismo, Fordismo e Toyotismo, 2007.

mostra quais são os principais elementos que identificam e diferenciam o taylorismo e seu controle do tempo, o fordismo e sua produção em série e o Toyotismo e sua produção flexível, todas acarretando, entretanto, enormes perdas para os trabalhadores e trabalhadoras.

5 OS GARIS DE PARINTINS: RELATOS E VIDA DOS INVISIBILIZADOS

A invisibilidade social é um tema relativamente novo e relacionada a trabalhadores de profissões menos privilegiadas pela sociedade, profissões desprovidas de status, glamour, admiração, reconhecimento social e remuneração adequada, sendo realizados por trabalhadores que executam tarefas de grande importância para a sociedade mas vistos como uma classe inferior por vários motivos em muitas situações chegam a não serem percebidos como seres humanos, e sim como indivíduos que realizam um trabalho que jamais uma pessoa da classe superior se submeteria, um trabalho que para exercer não precisa de qualificação profissional, grau de escolaridade, só precisa estar bem de saúde para suportar toda a adversidade do dia a dia.

Início o relato dos garis de Parintins contando a minha história, sou Denilton Almeida Santarém Parintinense, fui para Manaus no ano de 2007, retornei para Parintins no final do ano de 2016 , motivo passei no vestibular da UEA para cursa letras no ano de 2017. Com esposa e um filho de um ano de idade, fiquei preocupado e me perguntando como vou sustentar minha família e cursar a faculdade que era o meu sonho.

Chegando em Parintins fui procurar emprego, mas como aqui na cidade a falta de emprego é um problema recorrente, eu não consegui nada de trabalho na primeira semana nem na segunda e assim os meses foram passando sem sucesso, a preocupação só aumentava para conseguir um trabalho, fim do ano estava chegando meu seguro desemprego que era minha única renda estava acabando e a pergunta fica rodando a minha cabeça, como vou sustentar a minha família e cursar a faculdade no ano de 2017?

Fim do ano chegou todos estavam comemorando o ano novo e eu com aquela incerteza do futuro, pensei a única solução e voltar para Manaus, como tenho experiência de trabalhar no distrito industrial para mim era mais fácil conseguir um trabalho já decidido voltar para Manaus, uma visita mudou a história da minha vida e da minha trajetória, meu tio Edgar gari da coleta domiciliar há mais de 10 anos, foi até a minha casa sabendo da minha situação financeira me fez a seguinte pergunta: tem trabalho na coleta de lixo você garante? na hora não pensei duas vezes para mim não importava o trabalho que ia realizar eu só queria trabalhar para poder

sustentar a família e fazer a faculdade. Ele ainda disse, esse trabalho não é para muito novo e nem para muito velho e sorriu.

Comecei como coletor de lixo domiciliar do no ano de 2017, sem nenhuma experiência na profissão de gari, minhas únicas experiências de trabalho tinham sido no Distrito industrial de Manaus no ambiente com ar-condicionado e agora nesse novo desafio trabalhar como gari sem saber o que me aguardava estava ansioso para começar só sabia de uma coisa, o trabalho é correndo então pensei vai ser fácil, estava muito enganado.

No meu primeiro dia trabalho, durante o primeiro quilômetro fui até bem, mas com o passar das horas parecia que era uma tortura para mim o sol escaldante da tarde, eu sentia dor no joelho, nos pulsos, no ombro e uma falta de ar nos pulmões que pareciam que eu ia morrer, eu me perguntava meu Deus quando isso vai acabar?

Tudo era novo para mim eu não imaginava que era assim tão difícil e árduo o trabalho que esses guerreiros da coleta de lixo realizavam, paramos em um local para beber um refrigerante e descansar um pouquinho, perguntei a um colega cadê os copos pra beber o refrigerante o Moisés foi até uma lixeira pegou duas latinhas de refrigerante pegou uma faca cortou a latinha ao meio e fez dois copos beberam o refrigerante e me deram o copo feito de latinha do lixo, todos ficaram me observando se eu ia beber no copo, então eu bebi eles sorriram e disseram bem-vindo ao time. Sentei-me na calçada cansado e exausto, deitei, fechei os olhos nesse momento muitas incertezas passavam pela minha cabeça me perguntava será que vou conseguir terminar o trabalho no meu primeiro dia, foi ai que ouvi uma voz que falou, desiste esse trabalho não e para você. Essa palavra mesmo sendo negativas naquele momento serviu como motivação para mim e falei, não vou desistir vou continuar até o meu corpo não aguentar, agora entendo o porquê os garis da coleta domiciliar suportam todas as adversidades da profissão, sol, chuva o fedor insuportável sentido por horas atrás do caminhão coletor, animais mortos, gatos, cachorros e todo tipo de lixo em decomposição que possamos imaginar, todos essas adversidades que o gari enfrenta tem uma resposta, é pela família e para conquistar seus objetivos pessoas.

Continuei o trabalho, foi difícil mais venci, o primeiro dia foi um alívio quando o Moisés meu colega de trabalho falou só falta duas ruas. Dia após dia fui ganhando condicionamento físico e acostumado com o mal cheiro do caminhão coletor, passando a primeira semana já havia perdido 10 quilos, de 78 passei para 68 quilos.

Outra dificuldade foi vencer o preconceito a vergonha, muitas pessoas veem os garis como uns pobres coitados que não tem estudo que são mal-educados que por fazerem esse trabalho de gari de trabalhar com o lixo se tornam parte dele, presencie alguns fatos que eram novos para mim, ganhamos umas bananas e quando fomos ver dentro da sacola eram bananas que estavam podres, pensei a pessoa que deu as bananas deve ter pensado, vamos dá para os lixeiros eles comem de tudo como se nós fossemos uns bichos ou até mendigos .

Outra situação foi roupa, uma pessoa deu uma sacola com roupa falou que dava para aproveitar, guardamos a sacola e no final do trabalho fomos ver as roupas eram velhas algumas rasgadas, um colega me falou é assim meu colega as pessoas pensam que somos uns miseráveis só porque trabalhamos com o lixo, somos vistos assim, como se o nosso trabalho não significasse nada para eles.

A satisfação de trabalhar como gari e com todos esses desafios encontrados concluo que a maior parte da população é sensacional, trata bem os garis com respeito, carinho e admiração. Ganhamos merenda, água, um bom dia, uma boa tarde esses gestos de respeito mudam o dia a dia do trabalho do gari, outra parte boa do trabalho são as brincadeiras, la resenha que acontece entre os garis é uma terapia, são alegres e felizes no trabalho, ninguém reclama do que faz ao contrário temos o maior respeito e gratidão pelas pessoas.

Costa ressalta, que esse fenômeno da invisibilidade pública perpassa no cotidiano desses trabalhadores que diariamente estão sujeitos a passar por preconceitos e desvalorização. É como se a população estivesse cega pois tratam os garis como pessoas invisíveis que não merecem consideração alguma, como se o trabalho que eles desempenham não valesse nada.

O ofício do gari parece acentuadamente atravessado por um fenômeno de gênese e expressão intersubjetivas: a invisibilidade pública – espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens. Bater o ponto, vestir o uniforme, executar trabalhos essencialmente simples (como varrer ruas, cortar mato, retirar o barro que se acumula junto às guias), estar sujeito a repreensões mesmo sem motivo, transportar-se diariamente em cima da caçamba de caminhonetes ou caminhões em meio às ferramentas ou ao lixo são as tarefas delineadoras do trabalho daqueles homens. Tarefas nas quais pudemos reconhecer ingredientes psicológicos e sociais profunda e fortemente marcados pela degradação e pelo servilismo. São atividades cronicamente reservadas a uma classe de homens subproletarizados; homens que se tornam historicamente condenados ao rebaixamento social e político. (COSTA, 2004, p. 57).

O rebaixamento social mencionado pelo autor acontece devido à algumas questões, como por exemplo em relação a origem desses garis que vêm de uma classe social baixa (pobreza). Outra questão se relaciona ao tipo de trabalho (manual) que esses trabalhadores desempenham acarretando em discriminações, só pelo fato de eles trabalharem com o lixo.

A humilhação social contextualiza-se em uma dupla abordagem “política e psicológica”. A política se distingue a exclusão advinda dos poderes governamentais da cidade e do governo de trabalho, que não investem nos principais equipamentos de trabalho necessário para a sua segurança.

Através disso nota-se que o poder público está em falta com seus empregadores, não disponibilizando nem sequer o uso de uma proteção adequada como o cinto de segurança ou qualquer dispositivo de proteção coletiva ou individual, fazendo com que os trabalhadores se virem do jeito que podem segurando em barras de ferros ou através de panos amarrados feitos de corda.

No caso dos empregadores do gari, eles têm por obrigação oferecer condições de trabalho seguro, porém isso não acontece, pois essa invisibilidade decorrente do poder público funciona como uma cegueira deliberada (willful blindness). Em que eles tem conhecimento das dificuldades enfrentadas pelos garis, as suas necessidades para desempenhar um bom trabalho sem consequências, no entanto, se esquivam do fato, fingindo demência.

5.1 Moises 20 anos de coleta de lixo domiciliar.

Como Moisés se vê diante da sociedade, o primeiro questionamento feito Moisés respondeu:

“Eu me vejo como um trabalhador que exerce seu trabalho fielmente e dignamente, busco fazer sempre o meu melhor, vejo meu um trabalho como qualquer outra profissão, que busca ter responsabilidade, fazer o seu trabalho com zelo e tento fazer o meu trabalho acontecer , tenho esse olhar da sociedade comigo que é importante realizar bem o serviço”.

Buscamos saber como é o cotidiano fora do ambiente de trabalho, Moisés respondeu:

“O meu cotidiano é bem normal mesmo como do povo de Parintins, eu tenho os meus momentos de lazer, devoção a Deus, busco viver bem associado à minha família, tenho meus momentos de prática esportiva, busco transmitir e viver dessa forma bem normal mesmo como qualquer pessoa vive”.

Quanto à valorização profissional pelo poder público e pela sociedade, Moisés relata:

“Infelizmente pelo poder público eu não me sinto valorizado, primeiramente porque eles deixam muito a desejar né, a gente precisa pelo menos dos IPI, eles não nos fornecem o IPI. Então dá para perceber que eles não valorizam a gente como deveria, porque era obrigação deles tá fornecendo esses equipamentos que é necessário para profissão a qual nós exercemos, fica muito a desejar, eles não fazem isso. A única coisa praticamente que eles estão nos dando é a luva, e é o mínimo do mínimo mesmo, então nós, eu pelo menos me sinto desvalorizado, porque eu não tenho aquilo que é necessário para eu exercer meu trabalho com mais segurança. E pela sociedade existe uma grande parcela que respeita muito bem o nosso trabalho, mas existe uma certa porcentagem da sociedade que também nos julga pelo fato de a gente trabalhar com o lixo, com esse produto.

Muitos nos associam com o lixo, às vezes as pessoas tem uma certa conduta ou postura de preconceito que até ignoramos, não é porque a gente trabalha com o lixo que deveremos ser tratados como se fossemos por exemplo parte do lixo, às vezes até passamos despercebido e desvalorizados por muitos deles, às vezes as pessoas nós oferecem coisas que estão muito além daquilo que deveriam ser oferecidas, coisas que já não prestam, mas eles nos dão mesmo assim. Então tem uma certa porcentagem da sociedade que não nos valoriza, porque quando eu ofereço alguma coisa para alguém eu vou dar uma coisa que seja boa, existe esse lado da sociedade. Mas tem uma porcentagem bem grande da sociedade que nos valorizam e respeitam, pela profissão que nós temos, que entende que ela é útil, que ela é muito necessário em qualquer lugar em nossa cidade”.

A positividade do trabalho apresentou-se vinculada ao seu reconhecimento mediado pelo olhar do outro, ao fato de o local de trabalho propiciar relacionamentos amistosos, por ser o trabalho fonte do sustento familiar e proporcionar certa segurança financeira doméstica.

O trabalhador/a espera da empresa uma retribuição que não se resume ao salário ou a um prêmio, espera um julgamento de utilidade, ou seja, o/a trabalhador/a deve obter reconhecimento porque seu trabalho é útil dos pontos de vista econômico, científico, técnico etc. Já os colegas de profissão entendem do métier e estão aptos a realizar um julgamento de beleza baseado em critérios práticos e estéticos. Estas vivências são fundamentais para a manutenção da saúde mental, pois ressignificam o sofrimento envolvido no ato laboral em ações e criações reconhecidas no espaço público em prol da construção de uma identidade pessoal e social. (MERLO, 2002).

Veio a mente e questionamos se você indicaria esse trabalho para alguém diante desse relato, Moisés ressalta:

“Sim, eu indicaria esse trabalho para alguém porque eu vejo que é um trabalho essencial e quando se trata de essencial a gente já sabe a importância que ele tem, então sim, eu indicaria para alguém, não é pelo fato de que trabalhamos com o lixo que eu não vou indicar, sendo que, existem vários trabalhos de risco, e esse é um trabalho de risco. Mas eu indicaria sim porque senão eu estaria desvalorizando a minha profissão, que é de onde eu tenho por anos trabalhado e daí tirado sustento para minha casa, da minha família, para ajudar no crescimento deles, e eu indicaria sim porque é um trabalho honesto e digno”.

Observamos através desse relato que Moisés apresentou satisfação e orgulho de atuar na provisão de gari, mesmo passando por situações de preconceito e desigualdade social, /ele reconhece que o trabalho de gari é digno e honesto e merece ter mais reconhecido e respeito por todos.

5.2 Raquel Varredeira, 33 anos de profissão

Fale da sua história quando iniciou nessa profissão?

“Meu nome é Maria Raquel Ferreira trabalho a 33 anos como gari, Deus abriu essa porta de trabalho pra mim em 1990 eu aceitei e me sinto muito feliz e tenho orgulho do meu trabalho, todo trabalho é digno e não tenho vergonha do que faço”.

Você já passou por alguma situação de constrangimento ou preconceito?

“Muitas vezes sim já passei por algum tipo de preconceito mais procuramos não dar muita atenção para esses problemas e focar em realizar bem o serviço muitas pessoas passam perto e não falam nada não dão pelos menos um bom dia, parece que somos invisíveis mesmo com a farda amarela não somos percebidas por muitas pessoas”.

Como a senhora vê esse trabalho de gari qual a importância para a senhora?

Eu acho muito bom porque a desse trabalho que tiro o sustento para a minha família, é um pouco perigoso porque saímos cedo de casa corremos o risco de ser assaltadas ou até ser estupradas mas temos que correr esse risco e ir trabalhar, temos que limpar a cidade para receber bem os visitantes, visto que é uma cidade turística, às vezes as pessoas de fora da cidade ainda nos tratam até melhor que os da nossa cidade.

5.3 Maria do Socorro da Silva Costa 31 anos trabalhando como gari da varrição.

Fale sobre a sua história quando iniciou nessa profissão?

“Para mim conseguir este trabalho, tive que caminhar às 03:00 da manhã na estrada do Macurany até chegar na casa do Ex-prefeito Raimundo Reis. Chegando lá conversei com ele sobre uma vaga de trabalho e ele então me disse que havia apenas uma vaga de Gari. Fiquei muito feliz de ter conseguido esse trabalho que foi da onde eu criei minhas filhas e construí minha casa”

Como é o seu cotidiano no trabalho?

“Eu saio às 04:30 da madrugada até a secretária de obra, pra ir buscar a minha vassoura que é minha ferramenta de trabalho, esperar o coordenador instruir o local para onde devemos fazer a limpeza até às 09:00 da manhã”.

Como você se sente diante da sociedade?

“Tem dias bons e ruins, porquê às vezes as pessoas são desrespeitosas com a gente e não respeitam o nosso trabalho”.

Você já passou por alguma situação de constrangimento ou preconceito?

“Sim, os coordenadores das gestões passadas (Ex-prefeito), diziam que nós Garis fendíamos (de suor), chegaram a nos chamar de urubus, não gostavam que chegássemos perto deles e por aí se excedia o preconceito e constrangimento que sofriamos”

No relato da Raquel observamos algumas situações constrangedoras que muitos garis sofrem no seu cotidiano, que acaba abalando o seu psicológico causando tristeza e sofrimento neles, acarretando pensamentos de insuficiência e autoestima baixa, o sofrimento é a dor mediada pelas injustiças sociais.

A autora Sawaia (2001, p. 102), explica como se caracteriza esse processo:

Sofrer é estar submetido à fome, à opressão, à desvalorização, à falta de dignidade, e é experimentado como dor por quem vivencia a situação social de ser tratado como inferior, sem valor ou inútil. É o indivíduo quem sofre, porém a gênese deste sofrimento está na intersubjetividade e nos processos de mediação social, pois o indivíduo não é uma mônada responsável por sua situação e capaz de, sozinho, superá-la. Problematizar

esta questão é uma forma de superar a concepção de que a única preocupação das pessoas pertencentes às camadas populares é a luta pela sobrevivência.

5.4 Relato de uma parintinense sobre à importância do trabalho do gari para a sociedade?

“Todo trabalhador que exerce sua função com empenho e profissionalismo é importante para nossa sociedade. O Gari, ao manter nossa cidade limpa e bem apresentada contribui para nosso bem estar e também para a estética urbana. Todos sabemos que sem os garis, a cidade ficaria suja e poderia até mesmo comprometer a nossa saúde com o acúmulo de insetos nos lixos espalhados pela cidade. No entanto, mesmo reconhecendo o valor de um gari, a sociedade ainda subestima seu trabalho, assim como faz com demais profissionais relacionados à limpeza”.

Me ocorre agora um experimento que fizeram vestindo o diretor de uma empresa com as roupas de um gari. Ao se posicionar em frente a empresa, ele foi reconhecido por poucos, ou seja, a maioria dos que passaram não o cumprimentaram, talvez nem tenham olhado pra ele. Infelizmente essa é uma realidade que precisa ser mudada. A escola é o lugar onde essa conscientização precisa começar. Ensinar aos alunos que todas as profissões são igualmente importantes, é uma tarefa a ser realizada desde a pré-escola. Assim, todo trabalhador se sentirá feliz com o trabalho que tem e se sentirá honrado em realizá-lo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo que realmente existe uma desigualdade social por parte da sociedade com os garis em muitos aspectos e muitas formas como “um ninguém”, “um nada”, um ser insignificante, mas somos essenciais e determinantes para o bem estar de um sociedade por sermos responsáveis de realizar um trabalho importantíssimo e diferenciado que muitas pessoas de classe superior não conseguem realizar. Então, os garis em geral são uma peça fundamental para o equilíbrio e o bem estar de uma cidade para viver harmoniosamente e com qualidade de vida saudável e fornecer um trabalho de limpeza para a cidade.

Eu, como atual trabalhador gari me coloco como um trabalhador que já passou por diversos preconceitos da sociedade por me acharem como um ser insignificante que jamais imaginariam que um dia pudesse cursar uma faculdade de Curso Superior por não ter condições financeiras elevadas e atuar em um trabalho desprivilegiado por muitos e até considerado insignificante. Contudo, foi por meio do trabalho de gari que pude ter a possibilidade de concluir

o Curso de Licenciatura em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas. Portanto, o trabalho do gari é digno e honesto e merece ser mais reconhecido e respeitado por todos.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, A. (1999, 9ª ed.). A condição humana (R. Raposo, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

BARRADAS, Liana França Dourado. Marx e a divisão do trabalho no capitalismo / Liana França Dourado Barradas, 2012.

CAMPOS, D. F., Rubinho, C. A. de A. G., & Pereira, M. P. (2015). A profissão de gari à luz dos direitos sociais do trabalho e das políticas públicas de proteção ao meio ambiente. Revista de Direito UNIFACEX, 6(1), 1-19. Disponível em <<https://periodicos.unifacex.com.br/direito/article/view/689/>>,2015.

COSTA, Fernando Braga da. Homens Invisíveis: Relatos de uma Humilhação Social. São Paulo: Globo, 2004.

DIOGO, Maria Fernanda. Os sentidos do trabalho de limpeza e conservação. Psicologia em estudo, 2007. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000300005>>

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. – 3. Ed. – São Paulo: Abril Cultural, Livro primeiro, Volume I, Tomo. (Os economistas), 1983.

Merlo, A. R. C. Psicodinâmica do Trabalho. Em M. da G Jacques. & W. Codo (Orgs.), Saúde mental e trabalho: leituras (pp. 130-142). Petrópolis: Vozes, 2002.

Sawaia, B. B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. Em B. B. Sawaia (Org.), As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social (pp. 97-118). Petrópolis: Vozes, 2001.